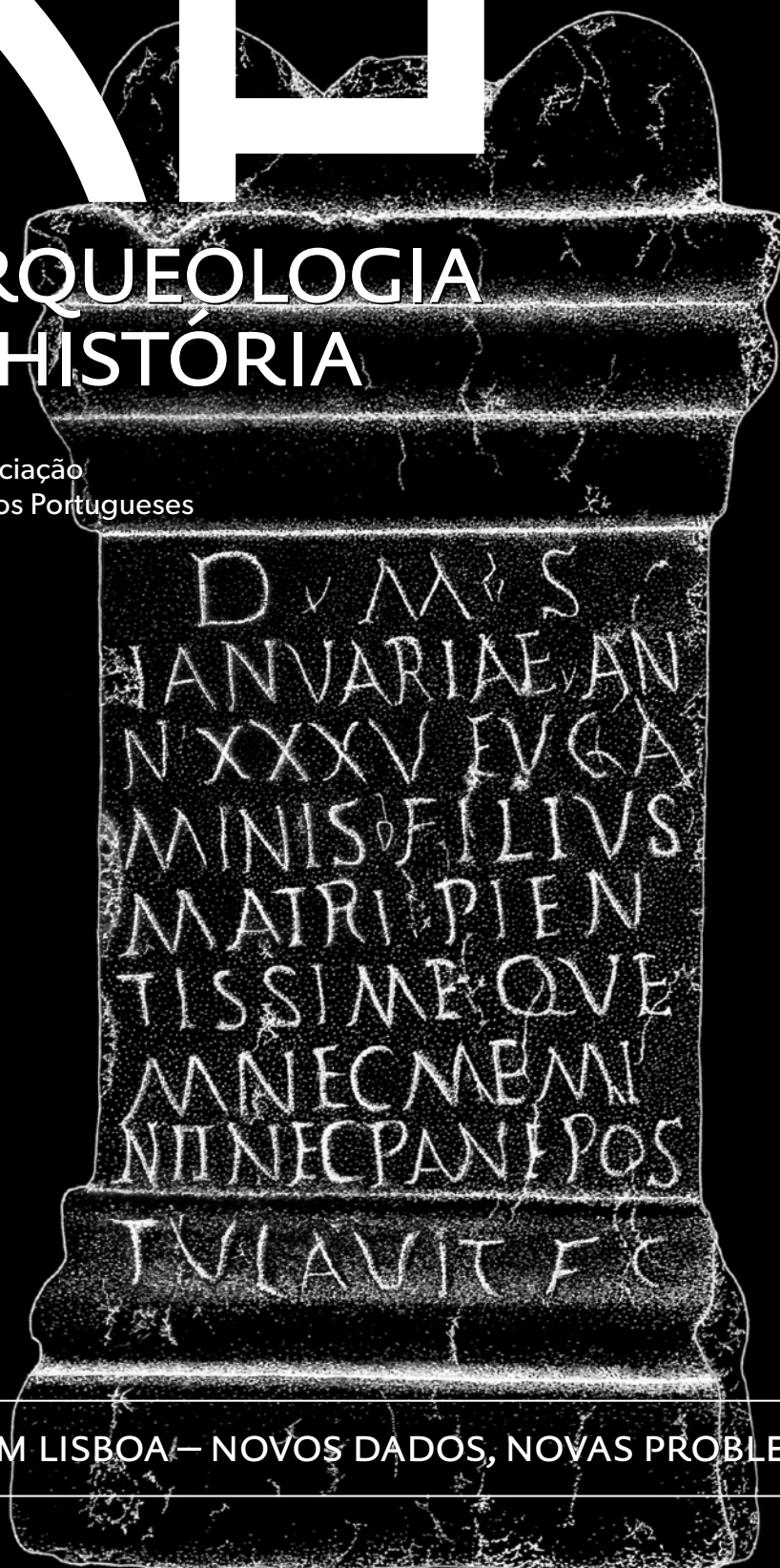


ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72



A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

71-72

Ano de Edição

2022

Anos Associativos AAP

2019-2020

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 ‘*et sepultus est*’ – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

ARTIGOS

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barrozo

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Notas sobre a campanha de escavação de 2019*

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica
Nuno F. Poínhas Pires

RELATÓRIOS

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2019
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2020
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

ENTERRAMENTOS NO LARGO DO CORETO EM CARNIDE: VESTÍGIOS DO CEMITÉRIO DA ERMIDA DO ESPÍRITO SANTO

Susana Garcia¹, Ana Caessa², Nuno Mota³

¹ Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Centro de Administração e Políticas Públicas, Museu Nacional de História Natural e da Ciência / msgarcia@iscsp.ulisboa.pt

² Câmara Municipal de Lisboa / ana.caessa@cm-lisboa.pt

³ Câmara Municipal de Lisboa / nuno.miguel.mota@cm-lisboa.pt

Resumo

A intervenção arqueológica realizada, entre Março de 2012 e Abril de 2013, no âmbito do Projecto de Requalificação Urbanística e Paisagística do Largo do Coreto em Carnide e Ruas Adjacentes permitiu registar a profunda transformação urbanística que o então Alto do Poço ou Passeio do Espírito Santo sofreu, em meados do século XIX, sob a forma de uma extensa terraplanagem. Apesar deste episódio destrutivo, foi ainda possível identificar um alicerce da desaparecida ermida dedicada ao Espírito Santo, de origem medieval, e de alguns dos enterramentos associados que, a partir de pelo menos o século XVII, começaram a fazer-se dentro e no adro daquele edifício religioso, já transformado em igreja. Foram recuperados os restos osteológicos de, pelo menos, 18 indivíduos do sexo masculino e feminino e de diferentes idades. Oito correspondem a inumações primárias e dez correspondem a um ossário e a material disperso. Todos foram inumados em decúbito dorsal com orientação Este-Oeste. As lesões ósseas observadas dizem respeito a patologias dentárias, degenerativas, traumáticas e infecciosas não-específicas. De salientar que a análise patológica foi realizada macroscopicamente e a maioria do material não se encontra em bom estado de conservação.

Palavras-chave: Esqueletos humanos, Patologia degenerativa, Trauma, Ermida, Carnide, Lisboa.

Abstract

The archaeological intervention that took place between March 2012 and April 2013 within the scope of Project for the Urban and Landscape Rehabilitation of Largo do Coreto, Carnide, and Adjacent Streets allowed us to record the profound urban transformation that the then called Alto do Poço or Passeio do Espírito Santo has suffered, by mid-19th century, due to extensive earthmoving. Despite this destructive episode, we still manage to identify a foundation of the disappeared medieval hermitage dedicated to Espírito Santo (Holy Spirit) and some of the related burials which from at least the 17th century on started to take place inside this religious building already transformed into a church and on its churchyard. The osteological remains of 18 individuals (males, females and with different ages) were recovered. Eight correspond to primary burials and ten correspond to an ossuary and disperse material. All were buried in the dorsal decubitus position East-West orientated. The bone lesions observed concern dental, degenerative, traumatic and non-specific infectious diseases pathologies. It should be noted that the pathological analysis was done macroscopically and that the majority of the material is not well preserved.

Keywords: Human skeletons, Degenerative pathology, Trauma, Hermitage, Carnide, Lisboa.

1. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO LARGO DO CORETO DE CARNIDE E ENVOLVENTE (2012-2013)

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre Março de 2012 e Abril de 2013, em Carnide, no âmbito do “Projecto de Requalificação Urbanística e Paisagística do Largo do Coreto e Ruas Adjacentes” consistiram no acompanhamento arqueológico da decapagem do terreno para substituição de pavimentos e na escavação de 62 sondagens arqueológicas, respondendo à necessidade de abertura de valas para instalação de infra-estruturas (Figura 1). Como já foi divulgado anteriormente (Caessa & Mota, 2013; 2014; 2016), esta intervenção permitiu identificar várias realidades arqueológicas, de que se destacam os 136 silos (dos 172 registados até ao presente) que corresponderão às “covas de pão” referidas na documentação medieval de Carnide e que foram usados para vazar lixo entre o século XVI e os meados do século XVII, quando foram definitivamente abandonados, aterrados e esquecidos. O conteúdo dessas lixeiras improvisadas, cujo estudo ainda decorre, tem oferecido informação preciosa sobre o quotidiano doméstico e económico, entre os meados do século XVI e os meados do século XVII, daquela pequena aglomeração rural (Davis *et alii*, 2018; Boavida, 2017; Casimiro, Boavida & Moço, 2017; Casimiro, Boavida & Detry, 2017; Medici, 2014: 63-66), de que há notícias arquivísticas pelo menos desde o final do século XII e cuja evolução tem sido traçada, até recentemente, sem ou quase sem, o contributo da arqueologia¹.

Contudo, na área da intervenção arqueológica foram, também, registadas outras realidades que directamente se prendem com a temática da morte em Lisboa, nomeadamente os vestígios de um cemitério que existiu ao redor de uma ermida consagrada ao Espírito Santo, também já desaparecida.

2. A ERMIDA DO ESPÍRITO SANTO

A Noroeste do largo foi identificado um alicerce com orientação Oeste/Este, construído em alvenaria de pedra e argamassa com fiadas relativamente regulares e vala de fundação no substrato geológico. Apresentava 7 m de comprimento por 0,80 m de largura e uma altura máxima de 0,50 m. Estavam associados a esta



Figura 1 – Planta de localização do Largo do Coreto de Carnide e envolventes (na planta, o largo está assinalado com a toponímia oficial: Rua Neves Costa).

estrutura dois enterramentos com igual orientação, um a Sul e outro a Norte, que não chegaram a ser exumados porque o arranjo urbanístico não implicava a sua perturbação. O vestígio de alicerce foi logo interpretado como o que restava do edifício da Ermida do Espírito Santo que se sabia ter possuído inumações no seu interior e exterior. Este templo, ainda assinalado na cartografia da primeira metade do século XIX, justificava o outro topónimo pelo qual era conhecido o Alto do Poço, Passeio do Espírito Santo (Figura 2).

Poucas informações existem sobre esta ermida de que apenas se conhece uma representação da autoria de Júlio de Castilho que a desenhou, algo ingenuamente, a 28 de Agosto de 1858 (Castilho, 1901), pouco antes da sua demolição (Figura 3).

As origens desta ermida deverão procurar-se na Idade Média. A paróquia de Carnide terá sido constituída por volta de 1279. A igreja paroquial, dedicada a São Lourenço (Moita, 2000b), terá surgido na mesma altura, mas apenas se conhece a data em que terá recebido obras de uma primeira remodelação, em 1342 (Consiglieri *et alii*, 1993: 59-60). No estado actual dos conhecimentos, é impossível saber se a ermida é mais antiga do que a igreja paroquial, contemporânea, ou posterior. É provável que seja a ermida referida juntamente com a Igreja de São Lourenço em documentação datada de 1321 e que, como ela, estivesse orientada para Nascente (Pereira, 1910: 70-71). Em 1552 está presente no conjunto das ermidas não curadas, tal como a de Nossa Senhora da Luz (Araújo, 1977: 53-59; Pereira, 1914-1916: 173-174).

Reiteradamente, a historiografia produzida sobre Carnide, no século XX, tem insistido na presença de uma gafaria anexa à Ermida do Espírito Santo que,

¹ Veja-se, por exemplo: Araújo, 1977: 49-70; Calado & Ferreira, 1991: 17-30; Consiglieri *et alii*, 1993: 53-72; Jorge, 1994: 214-216; Moita, 2000a: 222-229.

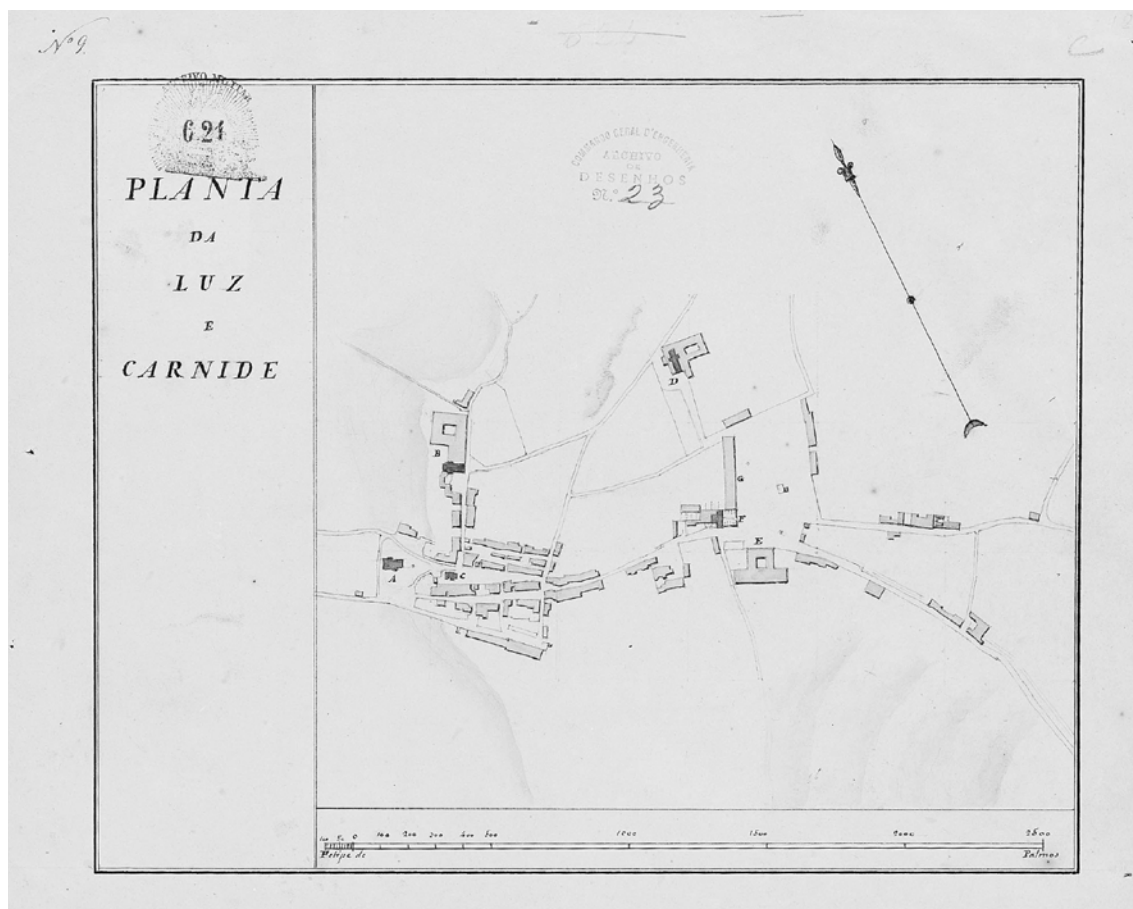


Figura 2 – Planta da Luz e Carnide à escala 1: 2 500, de 1827-1828; (Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar: PT-GEAEM/DIE-2322-2-16-20). A Ermida está assinalada com a letra C.

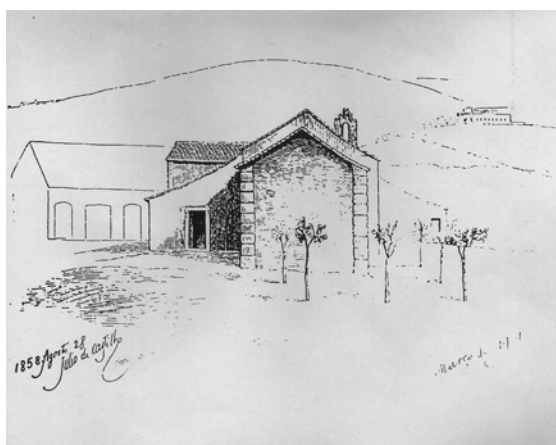


Figura 3 – Desenho da Ermita do Espírito Santo no Alto do Poço (tardoz), publicado em CASTILHO, Júlio de – *Amores de Vieira Lusitano: apontamentos biográficos*. Lisboa: A. M. Pereira de Sousa, 1901.

funcionando desde a Idade Média, ainda terá recebido doentes nos primeiros anos do Hospital de Nossa Senhora da Luz (Araújo, 1977: 54 e 64; Pereira, 1914-1916: 173-174). Todavia, a existência dessa gafaria é difícil de sustentar mediante a documentação arquivística actualmente disponível e face aos trabalhos historiográficos sobre a assistência a leprosos em Portugal, mais especificamente na região de Lisboa, onde nunca é referida (Correia, 1941: 10-11; Nóvoa, 2010: 74-80).

A consulta dos registos paroquiais, para Carnide disponíveis desde 1583, combinada com a leitura das 59 actas das visitas paroquiais a São Lourenço de Carnide (realizadas entre 1600 e 1740) demonstram a vitalidade da ermida, onde eram realizados actos de culto (disciplinada e sistematicamente no início), a que eram legados bens, que recebia enterramentos e que servia, também, de local para a realização de actos públicos seculares como requerimentos e citações, o que as hierarquias religiosas tentavam ciclicamente impedir

(Araújo, 1979: 13). Mas os visitantes denunciavam também outros menos dignos, como a pouca assiduidade dos devotos nas missas, as parcas esmolas pias, o pouco cuidado na manutenção das alfaías sagradas, ou mesmo as pernoitas na ermida nos períodos em que o culto andava desleixado (Araújo, 1979: 15-16 e 21-47).

Quanto às características arquitectónicas e artísticas da ermida, são apenas conhecidas (de forma muito vaga e breve) as que eram presentes no momento imediatamente posterior ao Terramoto de 1755 (embora algumas possam depreender-se das actas das visitas). De acordo com o cura Manoel José Nunes que em 1758 deu conta dos estragos produzidos na paróquia, aquela ermida “pública” resistiu com eficácia, ao contrário de todas as outras igrejas da aldeia (a de São Lourenço, a de Nossa Senhora da Luz e as dos conventos de Santa Teresa de Jesus, de São João da Cruz e de Nossa Senhora da Conceição da Luz), a ponto de poder servir a função paroquial durante o período em que duraram as obras de reconstrução em São Lourenço. Pelo seu relato fica a saber-se que a ermida possuía apenas um altar, com tribuna, no meio da qual estava um nicho grande em que se venerava a imagem de Nosso Senhor Jesus da Via Sacra. Mais duas imagens sacras eram aí veneradas, a de São Sebastião e a de Santo António (Portugal & Matos, 1974: 54-55).

Muito embora, durante os anos de 1833 e 1834, ainda tenha podido servir as funções paroquiais enquanto a igreja de São Lourenço era beneficiada com obras (Pereira, 1914-1916: 175), nos meados desse século, quando a freguesia de São Lourenço de Carnide já pertencia ao efêmero Município de Belém, a Ermida do Espírito Santo estava abandonada e ameaçava ruína. Uma resolução da Câmara Municipal de Belém exigiu a realização de uma vistoria ao edifício “da ermida do Espírito Santo no Largo do Carnide” para que se averiguasse se constituiria uma ameaça à segurança pública (sessão de 23 de Agosto de 1858, *Livro 3º das Actas das Sessões da Câmara Municipal de Belém*). O texto do auto de vistoria, datado de 31 de Agosto do mesmo ano e apresentado na sessão de câmara de 3 de Setembro, informa que o edifício era constituído pela ermida propriamente dita, a sacristia e uma casa de arrecadação e que todos estes locais se encontravam em muito mau estado de conservação, com o madeiramento dos tectos e paredes apodrecido, ameaçando desmoronamento. A câmara resolve então, no quadro das suas competências legais, adoptar para o caso uma postura, dando ao/s proprietário/s da ermida o prazo de 30 dias para a demolição ou a reedificação do edifício, caso contrário se procederia, à demolição a

expensas do município, sendo os materiais resultantes aplicados nas obras públicas do concelho, as imagens e ferramentas sacras transferidas para as outras igrejas da freguesia e os enterramentos trasladados para vala comum do cemitério da Igreja de São Lourenço (sessão de 3 de Setembro de 1858, no *Livro 3º das Actas das Sessões da Câmara Municipal de Belém*).

Por esta altura, existia já em Portugal um corpo de leis apostado em acabar com o hábito, há muito enraizado, dos enterramentos no interior dos edifícios religiosos e ao seu redor e, por força da lei, lutando contra inúmeras resistências, os municípios eram obrigados a criar cemitérios públicos, vedados e preferencialmente afastados das aglomerações (Catroga, 1991: 95-105). O Município de Belém já servido, desde os fins do século XVIII, com o Cemitério da Ajuda, era então constantemente pressionado pelo Governo Civil de Lisboa para providenciar a criação de mais um novo cemitério que permitisse o fim definitivo dos enterramentos nos adros das igrejas, dando cumprimento à legislação (Ofício nº 746 de 20 de Abril de 1857, do Governo Civil de Lisboa à Câmara Municipal de Belém, *Caixa nº 2922 (cx. 33) – Documentação Avulsa; Pasta nº1, 1854-1860*). Tendo já seleccionado e adquirido os terrenos para esse fim, em Benfica, aos Arneiros (actas das sessões de Câmara de 15 de Maio de 1857, 29 de Maio de 1857, de 11 de Junho de 1857 e de 30 de Outubro de 1857, no *Livro 2º de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Belém* ou a acta da sessão de 7 de Janeiro de 1859, no *Livro 4º de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Belém*), é a própria Câmara Municipal de Belém a promover a trasladação do cemitério da Ermida do Espírito Santo para o adro da Igreja de São Lourenço, não apressando a constituição oficial e religiosa do novo cemitério, nem sequer explorando a hipótese de usar o Cemitério da Ajuda.

Estando, aparentemente, extinta a irmandade do Espírito Santo de Carnide (pelo que a Câmara Municipal de Belém pôde apurar, entidade responsável pela ermida) não houve quem defendesse o edifício, cuja demolição, se efectivou mediante a aprovação da postura municipal para o efeito, por parte do Governo Civil de Lisboa (sessão de câmara ordinária de 12 de Novembro de 1858, *Livro 3º das Actas das Sessões da Câmara Municipal de Belém*).

3. O CEMITÉRIO DA ERMIDA DO ESPÍRITO SANTO

Como já foi referido, a Ermida do Espírito Santo recebeu legados pios e enterramentos. As fontes arqui-

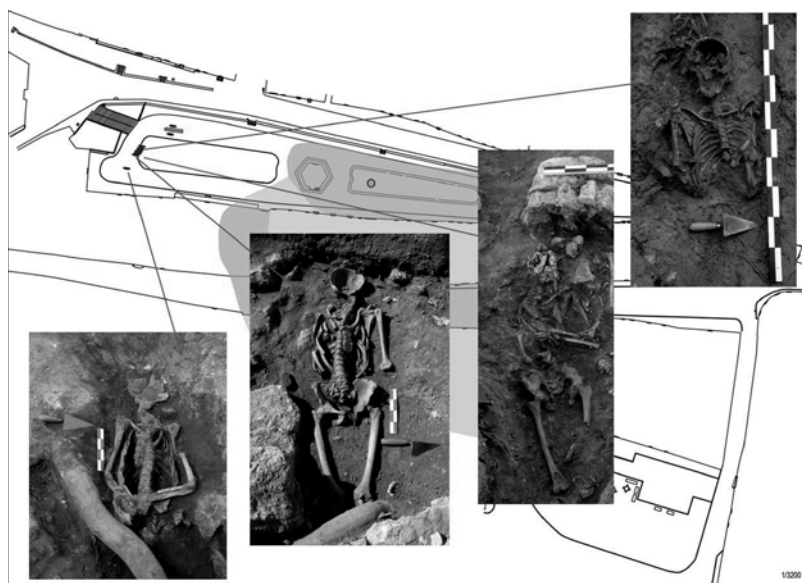


Figura 4 – Plano geral dos achados arqueológicos no Largo do Coreto de Carnide em 2012/2013, destacando (em fotografia) os esqueletos que se encontravam mais completos. (Fotos N. Mota ©).

vísticas e bibliográficas disponíveis apontam algumas datas para os enterramentos no interior do edifício assinalando nomeadamente dois defuntos notáveis: em 1648, o Padre António Dias e em 1754, uma benfeitora da ermida (porque lhe legou parte dos seus bens), a Marquesa de Ralara. Há notícia também de enterramentos no exterior da ermida que acabou por se transformar num cemitério. Contam-se, aliás, em número de 12 os locais para enterramento em Carnide desde os finais do século XVI ao século XIX, entre os cemitérios “públicos” – o principal da Igreja de São Lourenço e o bem próximo da Ermida do Espírito Santo – e os que estavam associados às igrejas dos conventos e às capelas das casas senhoriais das grandes quintas (Araújo, 1977: 62-63; Pereira, 1914-1916: 232-233).

A dispersão de locais de enterramento em Carnide não deverá surpreender dadas as insistentes e graves crises de mortalidade em Lisboa e no seu termo, entre os séculos XVI e os inícios do século XIX (Araújo, 1997; Rodrigues, 1990) e o que era a prática habitual no tratamento a dar aos defuntos mais abastados, aos protegidos, ou aos mais desfavorecidos, na Europa católica da Idade Moderna².

É difícil saber-se exactamente quando começaram os enterramentos na Ermida do Espírito Santo e ao seu redor, até porque só existem registos paroquiais de óbitos em Carnide, a partir de finais do século XVI. No entanto, os meados e os finais do século XVI marcam o abandono dos silos enquanto celeiros e o início da sua

utilização como lixeiras subterrâneas até pouco mais que os meados do século XVII – as centenas de silos que ocupavam praticamente todo o promontório, em cuja parte mais elevada, se erguia, desde Idade Medieval, a ermida (Caessa & Mota, 2013; 2014; 2016). É provável que o abandono dos silos, enquanto celeiros, associado à pressão das crises de mortalidade numa população cujo crescimento terá sido impulsionado pela instalação em Carnide, também no século XVI, de conventos e de grandes casas senhoriais, tenha facilitado o aparecimento de um novo cemitério “público” ao redor da ermida, sobretudo a partir do momento em que começou a receber legados de benfeitores que, em troca, aí se fizeram sepultar. Por outro lado, não deverá surpreender aquilo que, na percepção contemporânea, será uma promiscuidade chocante entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. Estes locais, considerados sagrados, onde os fiéis defuntos deveriam repousar imperturbados até à ressurreição dos corpos, abertos e perfeitamente integrados nos aglomerados habitacionais, eram frequentados pelos vivos nas suas actividades mais quotidianas (Ariès, 1977, capítulo 2). Nas actas das visitas paroquiais de Carnide existem, por exemplo, admoestações para que se não levem para os “chãos dos defuntos”, gado e cavalgaduras (Araújo, 1979: 16 e 22).

Neste enquadramento, não foi inesperada, a detecção durante a intervenção arqueológica do Largo do Coreto em Carnide, junto ao alicerce da Ermida do Espírito Santo e para Sul, daquilo que restou deste cemitério. Aqui, durante a intervenção arqueológica,

² Ver por exemplo, Ariès (1977), capítulos 2 e 5.

foram exumados 18 indivíduos (Figura 4). Destes, dez foram identificados em material osteológico disperso (nove adultos representados pelos úmeros esquerdos e um não-adulto) e oito correspondentes a inumações em decúbito dorsal com orientação Oeste/Este, com as cabeças voltadas para cima, viradas para Este (Batis-ta, 2013). Para além destes, há a referir ainda os dois enterramentos registados junto ao troço de alicerce que não foram escavados por não virem a ser afectados pelo projecto de requalificação.

Porém, antes de qualquer consideração a tecer sobre a escavação desta realidade funerária, é conveniente referir que o que primeiro se registou em toda a área abrangida pelo projecto de requalificação foi uma terraplanagem muito bem marcada arqueologicamente num interface de destruição de todas as estruturas e depósitos e no corte do substrato geológico, sempre sensivelmente à mesma cota, depois coberto com aterros recentes. Este fenómeno corresponde ao arranjo urbanístico efectuado pela efêmera Câmara Municipal de Belém, decidido em 1860, que transformou o Alto do Poço (o poço em alvenaria, com planta circular, de origens desconhecidas, dotado de bomba em meados do século XIX e tamponado na primeira metade do século XX, também se registou a meio do largo), então um promontório, num largo plano, rodeado por ruas menos íngremes e mais largas do que anteriormente ao arranjo.

O que arqueologicamente se registou deste cemitério foi o que resistiu à trasladação dos restos mortais para uma vala comum do cemitério da Igreja de São Lourenço, à terraplanagem e aos sucessivos arranjos urbanísticos a que o largo foi sujeito desde o século XIX até à data da intervenção arqueológica (arborização, pavimentações sucessivas, instalação de infra estruturas variadas, entre outros). Todos estes factores tiveram influência significativa na escavação e no registo arqueológico: a ínfima potência dos depósitos que se apresentaram muito perturbados, a dificuldade na identificação de sepulturas, a grande quantidade de ossos dispersos e o estado (muito incompleto) dos esqueletos.

O único espólio arqueológico associado resumiu-se a algumas contas e elementos de crucifixo, em osso ou em marfim, dos rosários, terços e e/ou crucifixos com que alguns dos defuntos terão sido sepultados (Figura 5). As características dessas peças, sobretudo as dos elementos de crucifixo, apontam para uma cronologia do século XVII, uma vez que podem encontrar-se paralelos na pintura dessa época, nomeadamente em quadros da autoria de Josefa d'Óbidos (Figura 6), referência cronológica que vem ao encontro do que

se sabe sobre a época em que o cemitério da Ermida do Espírito Santo teve maior utilização.

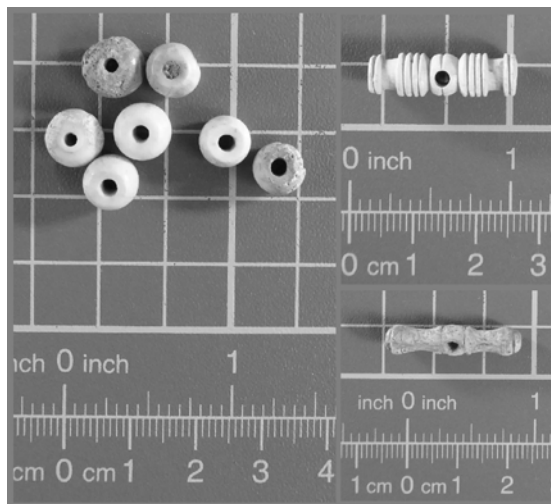


Figura 5 – Contas e elementos de crucifixo em osso e em marfim exumados durante a escavação arqueológica do cemitério da Ermida do Espírito Santo. (Foto N. Mota ©).



Figura 6 – *Santa Teresa esposa mística*. Josefa d' Óbidos, 1672 (óleo sobre tela). Disponível em http://www.google.com.br/search?as_st=y&as_q=%22santa+teresa+esp (visto em 7 de Abril de 2017).

4. OS ENTERRAMENTOS EXUMADOS NO LARGO DO CORETO EM CARNIDE

4.1. Métodos de campo e laboratoriais

O levantamento antropológico dos esqueletos encontrados *in situ* no Largo do Coreto em Carnide (Lisboa) decorreu entre os dias 19 de Setembro e 22 de Outubro de 2012. A antropóloga em campo foi a licenciada em Antropologia Soraia Baptista, com acompanhamento científico de Susana Garcia. A escavação foi realizada de acordo com as normas definidas pela Direcção-Geral de Património Cultural para a escavação de necrópoles, contou com a presença permanente de uma antropóloga em campo e foram preenchidas fichas antropológicas no local. Todos os esqueletos encontrados *in situ* foram individualizados por uma unidade estratigráfica e os conjuntos de ossos desarticulados foram identificados com a unidade estratigráfica do depósito que os continha. Para a decapagem e a escavação foram usados colherins, pincéis de vários tamanhos e instrumentos odontológicos. Os esqueletos e demais ossos apenas foram levantados após o respectivo registo antropológico e fotográfico. O registo antropológico foi feito em fichas de campo de antropologia, onde se registou a posição de inumação, posição dos braços e das pernas e dimensões do enterramento. Sempre que possível uma estimativa da idade e do sexo foi feita no local e também se descreveram sinais patológicos evidentes ou outras características incomuns.

O trabalho laboratorial inicial foi realizado pela antropóloga Soraia Batista e consistiu, numa primeira fase, na limpeza de todo o material osteológico. A limpeza foi feita com o auxílio de escovas macias e de algodão humedecido com uma mistura de água e álcool. Após a limpeza, o material ficou a secar entre 24 a 48 horas. Sempre que possível os ossos foram colados com cola UHU. Por fim, todos os ossos e fragmentos identificáveis foram marcados com a sigla do local e a respectiva unidade estratigráfica (U.E.). Por fim, os ossos foram colocados em sacos de plástico perfurados e devidamente etiquetados. Os fragmentos de pequenas dimensões que não exibiam evidências patológicas foram agrupados sob a designação de conjunto de esquirolas (Batista, 2013). Os vários esqueletos e material disperso foram organizados em contentores, devidamente etiquetados e entregues ao cuidado do Centro de Arqueologia de Lisboa. Numa fase posterior, todos os ossos foram novamente observados macroscopicamente, inventariados, classificados quanto ao estado de conservação e medidos.

Todos os sinais tafonómicos ou patológicos foram registados numa folha de registo e os dados introduzidos numa folha de Excel. O registo da presença óssea para os ossos longos e também dos sinais indicadores de stress fisiológico ou de possíveis patologias seguiu primeiro as instruções de Steckel *et alii* (2006), e posteriormente aplicaram-se outros métodos mais específicos que se passarão a descrever.

O número mínimo de indivíduos (NMI) do material osteológico disperso foi calculado com base na metodologia de Buikstra e Ubelaker (1994). O NMI estima o número mínimo de indivíduos presentes na amostra através da frequência de um segmento específico de uma determinada peça óssea. De modo a calcular o NMI, começou por se separar o material osteológico de indivíduos adultos e não-adultos; dentro de cada grupo agruparam-se os diversos ossos e fragmentos de acordo com o tipo e lateralidade.

O índice de conservação anatómica (ICA) foi calculado para todos os indivíduos recuperados em deposição primária através do método de Dutour (1989) modificado por Garcia (2006). Este método divide o esqueleto humano em 44 partes anatómicas, agrupadas em quatro zonas anatómicas: crânio, esqueleto axial, esqueleto apendicular e extremidades. É atribuído um código entre 0 (osso ausente) e 1 (osso completo) a todas as partes constituídas apenas por um elemento ósseo (ex. clavícula, escápula, úmero, fémur, calcâneo). Nas partes anatómicas constituídas por várias peças ósseas, como é o caso das costelas, vértebras ou os ossos das mãos e dos pés foi calculado um índice de representatividade óssea. O índice de representatividade óssea (IRO) calcula a proporção entre o número de peças presentes e o número esperado e permite-nos obter um valor mais preciso quanto à presença óssea.

Após a análise do estado de conservação óssea, procedeu-se ao estudo dos indicadores ósseos que permitem aferir dados para a elaboração do perfil paleodemográfico: sexo e idade à morte. Neste estudo, o sexo foi determinado com base no coxal, particularmente através da aparência do sulco pré-auricular e da grande chanfradura ciática (Bruzek, 2002). Quando o coxal não estava presente recorreu-se às dimensões de vários ossos longos, como as larguras das extremidades proximais e distais do rádio, úmero e fémur (Cardoso, 2000). O perímetro junto ao canal nutritivo foi outra das medidas usadas para a determinação sexual (Garcia, 2012). A idade foi estimada com base na sínfise púbica (Brooks & Suchey, 1990; Suchey & Katz, 1998), na metamorfose da superfície auricular

(Lovejoy *et alii*, 1985) e na extremidade esternal das costelas (İşcan, Loth & Wright, 1984; İşcan, Loth & Wright, 1985). A classificação da idade foi compilada em três grupos: jovens adultos, adultos maduros e adultos idosos. Optou-se por não atribuir uma idade concreta, pois nos adultos o erro associado a esta estimativa é grande. Quando não foi possível estimar nem sequer o grupo, registou-se a designação de adulto.

Finalmente, observaram-se todos os ossos macroscopicamente para detectar sinais de alterações ósseas associadas a patologias que poderão ser específicas (como é o caso da tuberculose) ou não-específicas (como é o caso da periostite) (Aufderheide & Rodriguez-Martin, 1998; Ortner, 2003; Mann, Murphy & Orther, 1990; Mann & Hunt, 2013). Observaram-se todos os ossos longos e todas as articulações e a presença/ausência de osso observável e a existência ou não de lesões foi assinalada. Mesmo os ossos fragmentados ou mal preservados foram observados.

5. RESULTADOS DA ANÁLISE OSTEOBIOGRÁFICA

5.1. Número mínimo de indivíduos e estado de conservação

No total escavaram-se oito enterramentos, inumados em posição decúbito dorsal, encontrados *in situ* e um conjunto de material ósseo disperso (Batista, 2013).

Após a separação e registo foi possível verificar que estavam presentes no material disperso 9 indivíduos adultos e 1 indivíduo não-adulto. O osso que mais se repetiu foi o úmero esquerdo. A amostra alvo de estudo é assim constituída por 8 enterramentos e 10 indivíduos recuperados de contextos dispersos.

Na tabela 1 pode observar-se um resumo das observações realizadas quanto ao estado de conservação, sexo, idade à morte, estatura, artrose e lesões de natureza traumática. Destaca-se a má conservação óssea da amostra que dificultou grandemente a análise. Mesmo assim foi possível documentar a presença de homens e mulheres e várias alterações ósseas.

O estado de conservação de um esqueleto depende de vários factores. Desde logo, as condições do próprio solo, o tipo de flora e da fauna presentes no local, o tipo de sepultura e a própria experiência do antropólogo responsável pela escavação. A constituição biológica do indivíduo (homem ou mulher, adulto ou não-adulto) e o seu estado de saúde são outros factores que podem afectar a conservação de um esqueleto. Os ossos de um indivíduo idoso, com osteoporose, por exemplo, não terão a mesma resistência

aos vários agentes tafonómicos que os ossos de um indivíduo jovem e sem debilidade óssea. Mesmo assim é possível a recuperação de contextos arqueológicos de esqueletos de indivíduos muito fragilizados em vida e, inclusive, de recém-nascidos (Garcia, 2007).

Em relação a esta amostra pode concluir-se que o estado de conservação dos esqueletos é, na escala de Dutour (1989), razoável. Em média recuperaram-se 21% dos ossos de cada esqueleto. Alguns esqueletos estavam apenas representados por fragmentos ósseos, por exemplo, o esqueleto número 8, U.E. [3924] não tinha um único osso completo, e o esqueleto número 2, U.E. [3905] tinha vários ossos longos completos e também outros menos resistentes como é o caso das vértebras e das costelas bem preservados.

Há a destacar que entre o campo (esqueleto *in situ*) e o laboratório houve grande perda óssea em vários esqueletos. Por exemplo, no caso do esqueleto 1, UE [2601], o ICA foi de apenas 25%, o que corresponde a um índice de conservação razoável, mas a fotografia de campo mostra um esqueleto bastante completo. Mesmo assim foi possível recolher informação relativa ao sexo e à idade deste indivíduo.

5.2. Demografia

Dada a reduzida dimensão da amostra, e também ao seu contexto arqueológico, não é de estranhar que não seja representativa de uma população natural. Embora estejam presentes tanto homens (n=4) como mulheres (n=3), não estão representadas crianças, nem jovens adultos. Em populações arqueológicas a mortalidade infantil, e na primeira infância, era muito elevada, por isso as crianças deveriam representar pelo menos 30% dos indivíduos recuperados de um cemitério (Waldron, 1994), podendo chegar a 70% em sociedades pré-industriais (Tayles, Halcrow & Domett, 2007). Por exemplo, em estudo realizado numa população medieval de Leiria, as crianças com menos de 12 anos representavam 36,6% da amostra (Garcia, 2007). No espólio osteológico recuperado no Largo do Coreto de Carnide, apenas foi recuperado um osso de uma criança entre o material disperso. Em deposição primária apenas se recuperaram indivíduos adultos e nenhum aparentava ter menos de 30 anos. (Tabela 1)

5.3. Saúde e doença

Apesar de a amostra ser apenas constituída por indivíduos adultos, alguns sinais ilustrativos de problemas ocorridos na infância persistem na idade adulta. É o caso da *cribra orbitalia*, da hiperostose porótica e das

Enterramento	ICA	Sexo	Idade	Estatura (m)	Artrose	Trauma (n)	Outros
E.1	0,25	M	Adulto maduro	–	Coluna vertebral, ombro	Costelas (3)	Nódulos de Schmorl
E.2	0,48	M	Adulto maduro	1,56	Coluna, mão, anca	Costelas (+2)	Espondilólise bilateral L5
E.3	0,32	F	Adulto maduro	–	Tempo-mandibular, coluna, ombro esquerdo, cotovelo e punho direito	Costelas (5)	Cáries, perda dentária <i>ante mortem</i> , hipoplasias no esmalte dentário
E.4	0,04	M	Adulto	–	–	–	Muito robusto
E.5	0,12	F	Adulto maduro	–	Coluna vertebral	–	Grande fragilidade óssea, cáries
E.6	0,23	M	Adulto maduro	–	–	–	–
E.7	0,04	F	Adulto maduro	–	–	Parietal esquerdo, occipital	Perda dentária <i>ante mortem</i>
E.8	0,04	I	Adulto	–	Coluna	–	–

Legenda: E. – Esqueleto; ICA – Índice de Conservação Anatômica; M – Masculino; F – Feminino; I – Indeterminado.

Tabela 1 – Resumo da informação recolhida quanto ao estado de conservação, sexo, idade, estatura, artrose e trauma.

hipoplasias do esmalte dentário. Estas lesões são normalmente provocadas por carências alimentares e/ou doenças infecciosas. Mas mais uma vez a má conservação óssea dificultou a análise. A existência ou não de *cribra* não pôde ser registada devido à ausência de órbitas, e apenas dois indivíduos tinham ossos parietais e outros dois tinham dentes. Não se observou hiperostose porótica, nos parietais, mas um dos indivíduos tinha linhas hipoplásticas lineares nos incisivos.

A estatura também nos informa sobre o estado nutricional e de saúde de uma determinada população. No entanto, nesta amostra apenas foi possível estimar a estatura através de um osso longo (úmero) num único caso. O indivíduo, do sexo masculino, tinha uma estatura estimada de 156,2 cm (Mendonça, 2000). Neste caso, podemos concluir que era relativamente baixo, mas nada de muito dispar do registado noutras populações coevas (Garcia, 2007).

Os sinais de doença infecciosa manifestam-se através de uma actividade óssea anormal que conduz à formação ou destruição de tecido ósseo. A análise das alterações ósseas resultou na ausência de sinais de doença infecciosa, embora se tenham recuperado vários ossos longos, incluindo 4 tíbias incompletas. Também se recuperaram 87 costelas (número estimado com base na cabeça da costela), mas nenhum fragmento exhibe alterações compatíveis com infecção óssea.

Em contrapartida, quase todos os indivíduos apresentam sinais de artrose, particularmente nas facetas

articulares da coluna vertebral. A artrose manifesta-se nas articulações sinoviais e caracteriza-se por labiamento nas margens da articulação, porosidade na superfície articular e eburnação nos casos extremos (Rogers & Waldron, 1995; Tayles, Halcrow & Domett, 2007). Três indivíduos exibiam fracturas nas costelas e um no crânio (parietal e occipital). O trauma manifesta-se por uma descontinuidade óssea e formação de um calo ósseo no local traumatizado. No crânio observou-se uma depressão óssea ovalada denunciadora de um trauma de tipo contundente.

Passaremos a descrever com mais detalhe os esqueletos e respectivas alterações ósseas observadas. A descrição detalhada de casos particulares permite um conhecimento mais profundo da vida de um indivíduo que não é possível atingir quando se agrupam os dados em categorias analisáveis estatisticamente (Stodder & Palkovich, 2012). No primeiro enterramento a ser aqui descrito, E.1, U.E. [2601], adulto maduro e do sexo masculino, há a destacar a artrose nas superfícies articulares da coluna vertebral (vértebras cervicais, torácicas e lombares), labiamento dos corpos vertebrais e a existência de nódulos de Schmorl muito pronunciados. Enquanto o labiamento do corpo vertebral está fortemente correlacionado com a idade, isso não se verifica com os nódulos de Schmorl. Os nódulos têm sido associados a forças biomecânicas e não a uma mera consequência da idade. Neste indivíduo, tal como tem sido descrito na literatura, as vértebras

mais afectadas são as torácicas inferiores (T7-T12) e as primeiras lombares (L1-L2). Alguns autores referem que estas alterações acontecem na primeira infância, provocadas pela pressão do núcleo pulposo sobre a zona mais frágil da superfície do corpo vertebral. Esta pressão acontece durante os movimentos da coluna, especialmente os movimentos de torção (Dar *et alii*, 2010). Se os nódulos de Schmorl se situarem na zona central do corpo vertebral e se estiverem associados a osteófitos, também como é o caso, aumenta a probabilidade de o indivíduo reportar dor lombar (Faccia & Williams, 2008). As vértebras mais afectadas são as torácicas inferiores e as primeiras lombares, porque são as zonas mais móveis da coluna vertebral. As vértebras torácicas superiores têm os seus movimentos restringidos pelas costelas (Üstündağ, 2009) e as lombares inferiores também são menos móveis. A 10.ª vértebra torácica (T10) exhibe ainda uma formação óssea muito pronunciada no corpo vertebral (Figura 7).

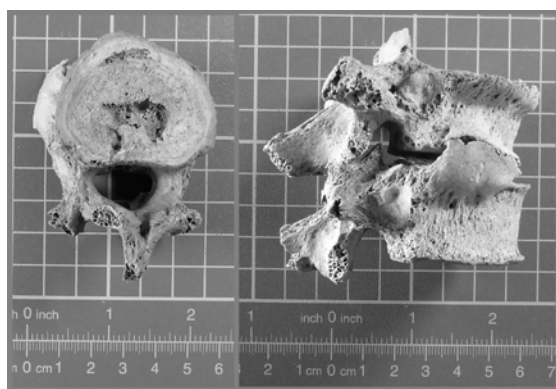


Figura 7 – Nódulos de Schmorl (11.ª v. torácica) e formação de ponte óssea entre a 11.ª e a 12.ª vértebra torácica, largo do Coreto, Carnide, CAL. LCor12/Ent1. (Foto N. Mota ©).

No mesmo indivíduo observaram-se ainda várias fracturas nas costelas. Em populações do passado, as fracturas nas costelas são comuns na zona central da caixa torácica, entre a 5.ª e a 9.ª costela. As fracturas das três primeiras costelas são raras, e são consideradas mais graves, porque a mesma força que as provocou pode também afectar zonas vitais e resultar na morte do indivíduo, e, as últimas costelas, por serem mais curtas, estão mais protegidas de impactos. Tal como seria expectável, neste indivíduo as fracturas afectaram costelas da zona central da caixa torácica (4.ª, 5.ª e 7.ª), mas pelo menos em 3 costelas direitas, as fracturas situam-se na zona posterior, junto às vértebras. As fracturas posteriores são provocadas por

uma força excessiva vinda de trás, mas a força também pode surgir de lado. As fracturas posteriores são muito menos comuns do que as anteriores (Brickey, 2006; Matos, 2009). A título de exemplo, no estudo publicado por Matos (2009) apenas um indivíduo em 46 tinha uma fractura na extremidade vertebral (zona posterior). Em populações pretéritas nem sempre é possível estabelecer uma etiologia para as lesões observadas. Sabe-se que as fracturas posteriores são mais raras, mas mesmo assim podem ter sido provocadas por uma pancada, por contracção muscular ou mesmo devido a alguma patologia (Matos, 2009). Um acidente que resulte numa queda de costas também não poderá ser excluído.

No enterramento 2, U.E. [3905], homem, adulto maduro, registou-se coxartrose com eburnação no lado direito. A artrose na anca é comum entre agricultores e era mais comum antes do século XIX do que a artrose do joelho (Baetsen, Bitter & Bruinjes, 1997; Waldron, 1997). Mesmo assim, a artrose da anca com eburnação é rara. Na série medieval de *São Martinho*, Leiria, registaram-se apenas três casos em indivíduos do sexo feminino, num universo de 94 indivíduos adultos (Garcia, 2007). Interpretar o sofrimento que uma determinada condição impõe a um indivíduo é sempre difícil. Desde logo, porque a percepção de dor é subjectiva, depende da cultura e de factores diversos como a maior ou menor actividade física. Por exemplo, Dunlop *et alii* (2005) constataram que a actividade física intensa protegia os indivíduos com artrose. Mesmo em casos severos, os pacientes mantinham-se fisicamente activos.

Observou-se ainda uma fractura com formação de ponte óssea entre duas costelas direitas, na zona posterior, e ainda espondilólise bilateral na 5.ª vértebra lombar. A espondilólise é o resultado de uma fragilidade, que pode ser genética, do processo posterior da vértebra, associada a actividades que requerem forças repetitivas de flexão, extensão e rotação da coluna lombar (em populações contemporâneas é comum entre ginastas, levantadores de pesos e futebolistas). Pode ser assintomática ou estar associada a dor lombar. (Figuras 8 e 9)

Em relação ao Enterramento 3 [U.E. 3908] destaca-se a artrose com eburnação nas mãos (extremidade proximal do primeiro metacárpico direito e deformação, e porosidade, entre uma falange intermédia e uma distal direita). Registou-se ainda trauma em várias costelas direitas (junto à extremidade vertebral) e artrose nas facetas articulares de três vértebras torácicas. A artrose e deformação da faceta são mais visíveis no



Figura 8 – Fratura numa costela completamente remodelada e formação de ponte óssea entre duas costelas adjacentes de origem traumática, Largo do Coreto, Carnide, CAL. LCor12/Ent2. (Foto N. Mota ©).

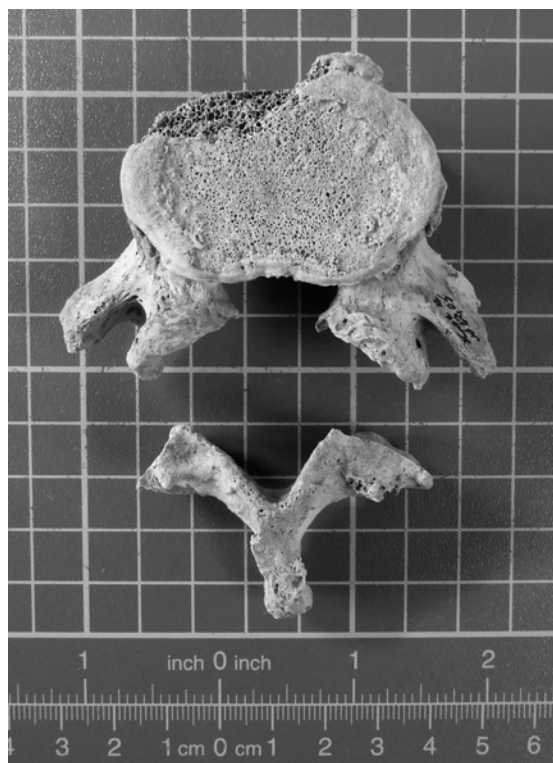


Figura 9 – Espondilólise bilateral, 5.ª vértebra lombar, Largo do Coreto, Carnide, CAL. LCor12/Ent2. (Foto N. Mota ©).

lado direito. No enterramento 4 [U.E. 3915], adulto e do sexo masculino, destaca-se a grande robustez física. Os fémures e as tíbias são muito robustos, destacando-se a linha áspera do fémur. E no enterramento 5 [U.E. 3919], extremamente incompleto, assinalou-se apenas uma grande fragilidade óssea e a presença de cáries cavitadas.

Por fim, destacamos o enterramento 7 [U.E. 3923]. Este esqueleto está muito incompleto, mas os ossos são muito gráteis, o que sugere tratar-se de uma mulher idosa. Destaca-se a perda dentária *ante mortem* completa dos dentes da mandíbula e uma depressão arredondada no occipital (21,42 mm de comprimento por 20,65 de largura) e também no parietal esquerdo (7,9 de comprimento por 9,19 mm de largura) que poderão ter sido provocadas por uma força contundente.

Nada há a assinalar nos indivíduos 6 [U.E. 3922] e 8 [U.E. 3924]. Estes esqueletos estão muito fragmentados e incompletos e os ossos observados não revelaram sinais patológicos ou outros dignos de destaque. (Figura 10)

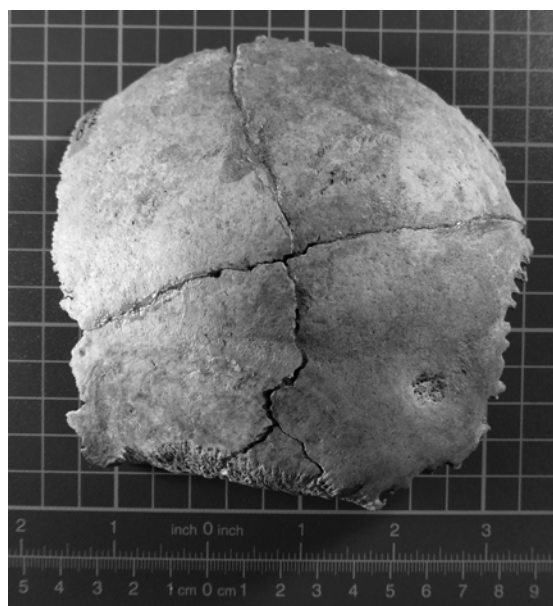


Figura 10 – Fratura craniana com depressão, remodelada, no parietal esquerdo, Largo do Coreto, Carnide, CAL. LCor12/Ent7. (Foto N. Mota ©).

6. NOTAS FINAIS

Face ao exposto, impõe-se uma reflexão a fazer sobre a história do local que é presentemente o centro histórico de Carnide. Na Idade Média um morro, ou promontório com uma ermida no cume e cujas vertentes Este, Sueste e Nordeste estavam densamente perfuradas com silos, numa área delimitada e geologicamente propícia para a sua escavação, mas aparentemente sem habitações (o que a presença da ermida – entendida como pequena capela localizada em sítio ermo – também poderá denunciar). Esta situação ter-se-á mantido até ao século XVI, quando a importância do culto a Nossa Senhora da Luz impulsionou o crescimento populacional e urbanístico de Carnide através da instalação de conventos e suas cercas e de casas senhoriais com as suas quintas, na mesma altura em que os silos deixaram de ser “covas de pão” para servirem de covas para lixo até serem definitivamente abandonados e esquecidos. Uma linha de investigação futura poderá vir a apurar arquivisticamente se os enterramentos à volta da ermida não se terão iniciado, de facto, também por essa altura, em que os silos perdem a sua função original e em que a ermida passa a receber doações e acolhe a sepultura dos seus benfeitores. A data de abandono do cemitério da Ermida do Espírito Santo terá antecedido vários anos a demolição do edifício que, à data, se encontrava já abandonado e em estado de ruína.

Na série osteológica escavada no Largo do Coreto, constituída por indivíduos adultos de ambos os sexos, as patologias observadas estão relacionadas com a idade, como é o caso da total perda dentária *ante mortem* observada num indivíduo do sexo feminino e vários casos de artrose ao nível da coluna vertebral, mãos e anca. A artrose da anca é relativamente rara em populações do passado, mas era mais comum do que a artrose do joelho. As lesões observadas também revelam sinais de um estilo de vida fisicamente muito exigente e possivelmente de sofrimento. Os restos mortais escavados são provenientes do exterior do edifício religioso, ou seja, do local onde eram sepultados os não privilegiados da comunidade, nomeadamente aqueles que exerciam trabalhos pesados e exigentes fisicamente, como os agrícolas. Embora a amostra seja muito diminuta, a não detecção de sinais de doenças infecto-contagiosas deve ser levado em consideração quando se pondera a existência, ou não de uma gafaria a funcionar anexa à ermida, ainda nos finais do século XVI.

REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS

Arquivo Municipal de Lisboa / Fundo: Câmara Municipal de Belém.

Livro 3º das Actas das Sessões da Câmara Municipal de Belém, sessão de 15 de Maio de 1857, 29 de Maio de 1857, 11 de Junho de 1857, 30 de Outubro de 1857, 23 de Agosto de 1858 e 3 de Setembro de 1858.

Livro 4º de Actas das Sessões da Câmara Municipal de Belém, sessão de 7 de Janeiro de 1859.

Caixa nº 2922 (cx 33) – Documentação Avulsa; Pasta nº1 (1854-1860), ofício nº 746 de 20 de Abril de 1857, do Governo Civil de Lisboa à Câmara Municipal de Belém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe (1977) – *L’homme devant la mort*. Paris: Editions du Seuil.

ARAÚJO, António Sousa (1977) – *O Santuário da Luz: Glória de Carnide*. Lisboa: Paróquia de Carnide.

ARAÚJO, António Sousa (1979) – *Visitações a S. Lourenço de Carnide de 1600 a 1740 (para o estudo da Pastoral e da História Social de Lisboa)*. Braga: Editorial Franciscana.

ARAÚJO, Ana Cristina (1997) – *A morte em Lisboa: atitudes e representações, 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias.

AUFDERHEIDE, Arthur; RODRIGUEZ-MARTIN, Conrado (1998) – *The Cambridge encyclopedia of human paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press.

BAETSEN, Steffen; BITTER, Peter; BRUINTJES, Tjasse (1997) – Hip and knee osteoarthritis in an Eighteenth century urban population. *International Journal of Osteoarchaeology*, 7, pp. 628-630.

BATISTA, Soraia (2013) – *Relatório antropológico da escavação do Largo do Coreto e do estudo laboratorial do material osteológico exumado (Carnide, Lisboa)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa CAL/DPC/DMC/CML (policopiado).

BOAVIDA, Carlos (2017) – “Preparar, servir e comer – vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa da Idade Moderna. Uma primeira abordagem” in SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAES- SA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I. (edit.) *Diz-me o que comes... alimentação antes e depois da cidade*. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, 1. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa e Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 122-130.

BRICKLEY, Megan (2006) – Rib fractures in the archaeological record: a useful source of sociocultural information? *International Journal of Osteoarchaeology*, 16, pp. 61-75.

BROOKS, Sheilagh; SUCHEY, Judy M. (1990) – Skeletal age determination based on the os pubis: a comparison of the Acsádi-

- Nemeskéri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution*, 5, pp. 227-238.
- BUIKSTRA, Jane E.; UBELAKER, Douglas H. (1994). *Standards for data collection from human skeletal remains*. Arkansas Archaeological Survey Research Series No. 44. Arkansas Archaeological Survey, Fayetteville.
- CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2013) – “Redescobrimos a história de Carnide: a intervenção arqueológica do Largo do Coreto e envolvente” in ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (coord.) *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1025-1032.
- CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2014) – “O núcleo histórico de Carnide: o contributo da investigação arqueológica” in VEIGA, C. M.; REIS, M. F. (coord.) *Quadros da História de Lisboa: a Freguesia de Carnide*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp. 83-104.
- CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2016) – Núcleo histórico de Carnide: uma leitura arqueológica. *Rosário. Estudos de Lisboa*, 6, pp. 96-107. Disponível em linha https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/revista_de_estudos_olisiponense_ro.
- CALADO, Maria; FERREIRA, Victor Matias (1991) – *Lisboa: freguesia de Carnide*. Lisboa: guias Contexto.
- CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos; MOÇO, Ana Margarida (2017) – “Louça de fora em Carnide (1550-1650). Estudo do consumo de cerâmica importada” in CAESSA, A.; NOZES, C.; CAMEIRA, I.; SILVA, R. B. (coord.) *Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/DPC/DMC/CML, pp. 56-67.
- CASIMIRO, Tânia; BOAVIDA, Carlos; DETRY, Cleia (2017) – “Cozinhar e comer: cerâmicas em Carnide (1550-1650)” in SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CAMEIRA, I. (edit.) *Diz-me o que comes... alimentação antes e depois da cidade*. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, 1. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa e Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 122-130.
- CASTILHO, Júlio de (1901) – *Amores de Vieira Lusitano: apontamentos biográficos*. Lisboa: A. M. Pereira de Sousa.
- CATROGA, Fernando (1991) – “Revolução e secularização dos cemitérios em Portugal (inunistas e cremacionistas)” in COELHO, A. M. (coord.) *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva, pp. 95-173.
- CONSIGLIERI, Carlos; RIBEIRO, Filomena; VARGAS, José M.; ABEL, Marília (1993) – *Pelas freguesias de Lisboa (Benfica, Carnide ameixeira, Charneca, Lumiar)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CORREIA, Fernando Silva (1941) – Os velhos hospitais de Lisboa antiga. *Revista Municipal*, 10. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 3-13.
- DAR, G.; MASHARAWI, Y.; PELEG, S.; STEINBERG, N.; MAY, H.; MEDLEY, B.; PELED, N. & HERSHKOVITZ, I. (2010) – Schmorl's nodes distribution in the human spine and its possible etiology. *European Spine Journal*, 19.4, pp. 670-675.
- DAVIS, Simon; ALBARELLA, Umberto; DETRY, Cleia; GINJA, Catarina; GÖTHERSTROM, Anders; PIRES, Ana E.; SENDIM, Alfredo; SVENSSON, E. M. (2018) – An osteometrical method for sexing cattle bones: the metacarpals from 17th century, Carnide, Lisbon, Portugal. *Annalen des Naturhistorischen Museums in Wien, Série A*, 120, pp. 367-387.
- DUNLOP, D. D.; SEMANIK, P.; SONG, J.; MANHEIM, L. M.; SHIH, V.; CHANG, R. W. (2005) – Risk factors for functional decline in older adults with arthritis. *Arthritis & Rheumatology*, 52 (4), pp. 1274-1282.
- DUTOIR, Olivier (1989) – *Hommes fossiles du Sahara. Peuplements holocènes du Mali septentrional*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- FACCIA, Kate J.; WILLIAMS, Robert C. (2008) – Schmorl's nodes: clinical significance and implications for the bioarchaeological record. *International Journal of Osteoarchaeology*, 18 (1), pp. 28-44.
- GARCIA, Maria S. J. (2007) – *Maleitas do corpo em tempos medievais. Indicadores paleodemográficos, de stresse e paleopatológicos numa série osteológica urbana de Leiria*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia Biológica. Coimbra: Universidade de Coimbra (policopiado).
- GARCIA, Susana (2006) – Conservação diferencial dos esqueletos humanos da série medieval de S. Martinho (Leiria): implicações para a paleodemografia e para a paleopatologia. *Antropologia Portuguesa*, 22-23, pp. 273-294.
- GARCIA, Susana (2012) – Is the circumference at the nutrient foramen of the tibia of value to sex determination on human osteological collections? Testing a new method. *International Journal of Osteoarchaeology*, 22, pp. 361-365.
- İŞCAN, M. Yasar; LOTH, Susan R.; WRIGHT, Ronald K. (1984) – Age estimation from the rib by phase analysis: white males. *Journal of Forensic Sciences*, 29, pp. 1094-1104.
- İŞCAN, M. Yasar; LOTH, Susan R.; WRIGHT, Ronald K. (1985) – Age estimation from the rib by phase analysis: white females. *Journal of Forensic Sciences*, 30, pp. 853-863.
- JORGE, Maria Júlia (1994) – “Carnide (sítio de)” in SANTANA, F.; SUCENA, E. (eds.) *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados - Consultores, pp. 214-216.
- LOVEJOY, C. O.; MEINDL, R. S.; PRYZBECK, T. R.; MENSFORTH, R. P. (1985) – Chronological metamorphosis of the auricular surface of the ilium: a new method for the determination of adult skeletal age at death. *American Journal of Physical Anthropology*, 68, pp. 15-28.
- MANN, Robert W.; MURPHY, Sean P.; ORTHER, Donald J. (1990) – *Regional atlas of bone disease: a guide to pathologic and normal variation in the human skeleton*. Springfield: Charles C. Thomas Publisher.

MANN, Robert W.; HUNT, David R. (2013) – *Photographic regional atlas of bone disease: a guide to pathologic and normal variation in the human skeleton*. Springfield: Charles C. Thomas Publisher.

MATOS, Vitor (2009) – Broken ribs: Paleopathological analysis of costal fractures in the human identified skeletal collection from the Museu Bocage, Lisbon, Portugal (late 19th to middle 20th centuries). *American Journal of Physical Anthropology*, 140 (1), pp. 25-38.

MEDICI, Teresa (2014) – *Vidros da Terra. O vidro tardo medieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII)*. O contributo da arqueologia – vol. 2. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Coimbra: Universidade de Coimbra (policopiado).

MENDONÇA, Maria Cristina (2000) – Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology*, 112, pp. 39-48.

MOITA, Irisalva (2000 a) – Carnide o Velho: o Sítio in Ataíde, M. M.; Soares, M. M., (eds.) *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Vol. V, 4^a tomo, 2^a parte. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 222-229.

MOITA, Irisalva (2000 b) – Igreja de São Lourenço de Carnide in Ataíde, M. M.; Soares, M. M., (eds.), *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, 4^a tomo, 2^a parte. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 229-231.

NÓVOA, Rita L. S. (2010) – *A casa de São Lázaro em Lisboa: contributos para uma história das atitudes face à doença (séculos XIV-XV)*. Dissertação de Mestrado em História Medieval. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

ORTNER, Donald J. (2003) – *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. 2.^a ed. Londres: Academic Press.

PEREIRA, Gabriel (1910) – *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*. Lisboa: Clássica Editora.

PEREIRA, José Baptista (1914-1916) – Memórias de Carnide. *O Instituto: Revista Científica e Literária*, volumes 61-63, Coimbra: Imprensa da Universidade, [vol. 61, 1914: pp. 167-183, 229-249, 273-287, 337-353, 404-422, 467-480, 497-515, 586-597, 647-664], [vol. 62, 1915: pp. 46-66, 102-108, 154-170, 211-216, 254-278, 319-329, 366-375, 421-428, 497-512, 536-544, 587-592], [vol. 63, 1916: pp. 49-56, 107-112, 169-176, 210-214, 283-290, 339-349, 426-432, 459-469, 543-548, 575-584].

PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo (1974) – *Lisboa em 1758. Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: [s. n.], pp. 47-55.

RODRIGUES, Teresa (1990) – *Crises de mortalidade em Lisboa. Séculos XVI e XVII*. Col. Cidade de Lisboa, 9. Lisboa: Livros Horizonte.

ROGERS, Juliet; WALDRON, Tony (1995) – *A field guide to joint disease in archaeology*. New York: John Wiley & Sons.

STECKEL, R. H.; LARSEN, C. S.; SCIULLI, P. W.; WALKER, P. L. (2006) – *The Global History of Health Project Data Collection Codebook*. Revisto em 2011. Disponível em linha em http://global.sbs.ohio-state.edu/new_docs/Codebook_05_17_06.pdf

STODDER, Ann L. W.; PALKOVICH, Ann M. (2012) – *The bioarchaeology of individuals*. Gainesville: University Press of Florida.

SUCHEY, Judy M.; KATZ, Darryl (1998) – Applications of pubic age determination in a forensic setting in REICH, R. J. (ed.) *Forensic Osteology. Advances in the identification of human remains*. 2.^a ed. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, pp. 204-236.

TAYLES, Nancy; HALCROW, Sian; DOMETT, Kathryn (2007) – The people of Noen U-Loke. In *The Excavation of Noen U-Loke and Non Muang Kao*, vol. 2. Bangkok: Thai Fine Arts Department, pp. 243-304.

ÜSTÜNDAĞ, Handan (2009) – Schmorl's nodes in a post-medieval skeletal sample from Klostermarienberg, Austria. *International Journal of Osteoarchaeology*, 19 (6), pp. 695-710.

WALDRON, Tony (1994) – *Counting the dead: the epidemiology of skeletal populations*. Chichester: John Wiley & Sons.

WALDRON, Tony (1997) – Osteoarthritis of the hip in past populations. *International Journal of Osteoarchaeology*, 7, pp. 186-189.

REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS

Planta da Luz e Carnide à escala 1: 2 500, de 1827-1828; [?] PT-GEAEM/DIE-2322-2-16-20 (Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar).

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

Santa Teresa esposa mística. Josefa d' Óbidos, 1672 (óleo sobre tela). Disponível em linha em http://www.google.com.br/search?as_st=y&as_q=%22santa+teresa+esp (visto em 7 de Abril de 2017).

